

13 MAR 1992

Walter Gomes

O vendedor de esperança

Com. Brasil

É verdade que a economia brasileira não está bem. Sua situação, entretanto, já não é tão dramática quanto a do período em que foi administrada pela professora Zélia Maria Cardoso de Mello e seus pupilos arrogantes.

A inflação, ainda angustiante no patamar inglório de dois dígitos, parou de crescer. Sua marcha ascendente foi contida. Às duras penas, é certo. Vale todavia, o sofrimento nacional, especialmente dos assalariados, diante do vislumbre de que o amanhã será menos aflitivo.

O ministro Marcílio Marques Moreira, um cidadão acima de qualquer suspeita, não faz improvisações nem brinca de **doutor sabido**. A ortodoxia é a sua linha de ação, coerente e leal à prática empresarial e ao exercício diplomático que tão bem domina.

Não lhe tem sido fácil recompor uma máquina avariada pela sandice de sua antecessora. Chegou ao Ministério da Economia num momento adverso. A credibilidade nacional caíra na vala comum, onde se encontravam outros países desacreditados pelas estruturas financeiras internacionais. O Brasil caminhava para o isolamento e, possivelmente, para o opróbrio. Sem poupança interna, não tinha mais crédito para conseguir no exterior. Carente de recursos, o País da época de Zélia Maria tratava os credores e potenciais investidores com a arrogância da insensatez.

Há pela frente um longo e penoso caminho a percorrer. Esta recessão, que provoca desemprego, achata salários e destrutura empresas, é o alto tributo que se paga pelos erros da antiga equipe econômica. Apesar de o brasileiro ter memória curta, lembra-se da incompetente e perniciosa política de financiamento à agricultura ao tempo da inditosa ministra. Ela e seus assessores, por pirraça, negaram ao ministro Antônio Cabrera, um profissional na sua área, os mínimos recursos

para o campo. Deu no que se viu. Mesmo sem divisas disponíveis, e cada vez mais caras porque difíceis, o Brasil, um dos mais tradicionais produtores de alimentos do mundo, foi obrigado a importá-los.

Uma vingança provinciana de amadores, exercida contra um ministro que não se submetera aos caprichos políticos de dona Zélia Maria, criou um quadro perverso, que levou pequenos e médios empresários rurais à falência e interrompeu a linha produtiva.

Em nenhum momento da história republicana brasileira uma mulher conseguiu tamanhos poderes e cometeu erros tão primários e desastrosos. Ainda bem que seu reinado foi curto.

Neste início de 1992, quando o presidente Fernando Collor entra no terceiro ano do seu mandato, pode-se festejar, além da seriedade com que se cuida da economia, a promissora safra agrícola, avaliada, provisoriamente, em 70 milhões de toneladas.

Qualquer outra comemoração, no momento, é extemporânea, mas é possível programá-la para um futuro próximo. A partir do segundo semestre, os índices inflacionários se posicionarão em patamares toleráveis. Não, ainda, o de um dígito, porém algo próximo aos dez pontos percentuais.

O chamado povão crê no amanhã de bonança econômica porque é de sua índole. Confia, até, na punição dos corruptos que tomaram de assalto o governo Collor. Exatamente, o do Presidente autodenominado caçador de marajás que vê, imagina-se, desencantado e sofrido, ministros e pessoas de sua convivência envolvidos em escândalos de toda ordem.

Ainda bem que existe o outro lado da moeda, cujo exemplo maior é o ministro Marcílio Marques Moreira, um sábio administrador do silêncio e um dedicado caixeiro-viajante que vende esperança.